



CONCEPTOS
Y FENÓMENOS
FUNDAMENTALES
DE NUESTRO
TIEMPO

UNAM

UNIVERSIDAD NACIONAL AUTÓNOMA DE MÉXICO
INSTITUTO DE INVESTIGACIONES SOCIALES

HEGEMONIA

EMIR SADER

Marzo 2004

HEGEMONIA

Por Emir Sader

1.- A teoria da hegemonia contém elementos essenciais para uma concepção de democracia alternativa à liberal. Esta se tornou a concepção hegemônica no mundo, conforme a “guerra fria” foi resolvida a favor do bloco capitalista dirigido pelos Estados Unidos. O liberalismo triunfou não apenas como ideologia, mas também como modelo econômico e como concepção de sistema político – a democracia passou a ser automaticamente identificada com a concepção liberal de democracia.

2.- Esta se assenta na visão da sociedade como conjunto de indivíduos, articulados pelo mercado, em que os interesses dos indivíduos se articulam para criar uma sociabilidade mediante a “mão invisível” do mercado. Não seria necessário um projeto específico de criação de uma “vontade geral”, que seria produto do cruzamento das vontades individuais. No seu delírio, a ex-primeira ministra britânica Margareth Thatcher chegou a dizer: “Não há mais sociedade, apenas indivíduos”, confirmando os objetivos da utopia liberal.

3.- A vertente em que se assenta o pensamento de Gramsci é outra: do ponto de vista dos debates da filosofia política, se origina na prioridade da vontade geral sobre a vontade singular, do interesse comum sobre o interesse privado. A política para ele, como processo de construção da hegemonia, é o momento da passagem do momento econômico para o momento ético-político, em que o interesse universal ganha prioridade sobre o interesse singular ou corporativo.

4.- Esta construção acompanhou sempre a filosofia política, ao longo de séculos. Aristóteles distinguia entre as boas e as más formas de governo, baseado no fato de que nas primeiras o governante se pauta pelo interesse comum, do coletividade, enquanto nas segundas primária o interesse particular ou do próprio governante. Montesquieu aponta para a supremacia do público sobre o privado. Rousseau foi quem deu o passo decisivo para a formulação da questão da vontade geral – ausente na tradição liberal -, em que no máximo aparece a “vontade de todos”, como expressão da maioria das vontades singulares. Para Rousseau a vontade geral é distinta da vontade de todos, porque ela expressa a vontade comum e não a vontade da maioria, de uma agregação de vontades individuais. Hegel expressa igualmente esse processo de construção de uma vontade coletiva, da prioridade do público sobre o privado.

5.- Para Rousseau, uma sociedade só é legítima, qualquer que seja sua forma de governo, se ela se funda na vontade geral, no interesse comum e na soberania popular – termos praticamente equivalentes. Uma sociedade fundada na propriedade privada, como a liberal, promove a desigualdade e a fragmentação, enfrentando-se a um processo de construção da vontade geral. Porém, a visão de Rousseau ainda contrapõe a vontade geral às vontades particulares, sem que aquela seja um aprofundamento desta, mas se contraponha a elas.

6.- Com Hegel instaura-se uma nova problemática, com a constatação do surgimento do que passaria a ser designado como “sociedade civil”, no marco do capitalismo, recolocando a temática das relações entre Estado e forças sociais, entre o universal e o particular. Seu objetivo é o de conciliar a liberdade do particular com a prioridade do público sobre o privado.

7.- Gramsci recolhe essa herança da teoria da vontade geral em Rousseau e em Hegel, a aprofunda, a desenvolve e chega a uma configuração teórica nova, no marco conceitual do marxismo.

8.- Marx havia herdado a problemática clássica da filosofia política e tentado reformulá-la a partir da dialética hegeliana. Num primeiro momento, ele retoma a polarização Estado/sociedade civil dos clássicos do pensamento político, valorizando o Estado, como polo que representaria o universal em oposição ao particularismo da sociedade civil para, sem seguida, se dar conta que na sociedade civil se situaria o mundo do trabalho e o mundo da política seria “o céu ilusório do universal”. Para finalmente realizar o que ele chama de “anatomia da sociedade civil”, em que encontra as classes sociais e sua luta, para abandonar esse conceito e centrar sua análise na luta de classes.

9.- No Manifesto Comunista Marx não elabora ainda o tipo de Estado que corresponderia à hegemonia do proletariado. Será apenas a partir da experiência da Comuna de Paris que, no balanço dessa experiência, em “...”, desenha o que seria o esboço do Estado na ditadura do proletariado.

10.- Mais adiante, já nos anos 70 do século passado, Norberto Bobbio provoca uma das mais férteis discussões dentro do marxismo e com seus críticos, qual questiona a existência de uma teoria do Estado no pensamento marxista. É como se Marx, prevendo que a revolução surgiria no centro do capitalismo, onde as contradições seriam mais densas,

provocando uma transição relativamente rápida do capitalismo ao comunismo e dispensando a elaboração de uma teoria específica sobre um período relativamente curto em termos históricos.

11.- No entanto, iria amadurecendo no pensamento de Gramsci uma teoria democrática alternativa. Já sua forma heterodoxa de recepção da revolução russa apontava para uma renovação do pensamento marxista.

Em “A revolução contra o Capital”, ele afirma:

“O máximo fator da história não são os fatos econômicos, brutos, mas o homem, a sociedade dos homens, que se aproximam uns dos outros, entendem-se entre si, desenvolvem através desses contatos (civilização) uma *vontade social, coletiva*, e compreendem os fatos econômicos, e os julgam, e os adequam à vontade dele, até que essa se torna o motor da economia, a plasmadora da realidade objetiva, a qual vive, e se move, e adquire caráter de matéria telúrica em ebulição, *que pode ser dirigida para onde a vontade quiser.*”

12.- Gramsci começava a elaborar sua diferenciação sobre as formas de organização do poder nas sociedades “orientais” e as “ocidentais”, isto é, entre o centro e a periferia do capitalismo, buscando evitar os riscos de uma fácil e imediata transposição da estratégia bolchevique para os países da Europa ocidental. Contornando a redução de Marx “sociedade civil” ao mercado, Gramsci a caracteriza como o espaço dos “aparelhos privados de hegemonia”, no sentido de que os grupos e as classes sociais, no seu processo de auto-organização, criam aparelhos privados de hegemonia.

13.- A consciência da existência dessa nova esfera das relações sociais, que ele passou a denominar como “sociedade civil”, Gramsci ampliou o conceito marxista do Estado. Até ali, o Estado estava identificado com a coerção e com o monopólio da violência para defender os interesses das classes dominantes. A partir desse momento a dimensão do consenso é incorporado e o poder é redefinido pelo conceito de hegemonia, que combina coerção e consenso, este como aquela que lhe dá legitimidade.

14.- O conceito gramsciano de hegemonia supõe um contrato na sociedade civil, gerando sujeitos coletivos – sindicatos, movimentos sociais, etc. -, com uma dimensão

pública. Mas implica também a necessidade de um contrato entre governantes e governados, sobre regras de procedimento e valores morais.

15.- Consenso e coerção são conceitos diferenciados, mas com fronteiras não necessariamente delimitadas. Se o predomínio do consenso caracteriza os regimes democráticos e o da coerção, as ditaduras, nenhum regime se caracteriza somente por uma delas. É a predominância de um dos aspectos, sempre combinados, que caracteriza cada regime. O consenso não dispensa a coerção e a coerção nunca se consolida sem formas de consenso. A repressão utilizada pelos regimes ditatoriais traz em si um elemento consensual de apelo à obediência, à ordem.

16.- A coerção remete diretamente para o caráter de força, de dominação de classe. O consenso, para a legitimidade, indispensável à estabilidade do poder de Estado.

17.- A introdução ou redefinição do conceito de hegemonia se apoia na diferenciação feita por Gramsci entre a forma de constituição do poder no leste – ou seja, nas sociedades orientais, mais atrasadas, periféricas do sistema capitalista – e no ocidente, centro do capitalismo, com sociedades capitalistas mais avançadas e complexas na estruturação do poder. “No Leste, o Estado era tudo, a sociedade civil era primitiva e gelatinosa; no Ocidente, havia uma relação apropriada entre o Estado e a sociedade civil e, quando o Estado tremia, uma firma estrutura da sociedade era então revelada. O Estado não era mais que uma trincheira avançada, atrás da qual havia um poderoso sistema de fortalezas e casamatas; mais ou menos numerosas de um Estado para outro, é evidente, mas é isto que exatamente exigia um acurado conhecimento de cada país.” (Cadernos do Cárcere, II, pags. 865-866, Einaudi Editore, Turim, 1975)

Perry Anderson esquematiza essa visão de Gramsci nas fórmulas seguintes:

	Leste	Ocidente
Sociedade civil	Primitiva/gelatinosa	Desenvolvida/sólida
Estado	Preponderante	Equilibrado
Estratégia	Movimento	Posição
Ritmo	Rápido	Prolongado

(“As antonomias de Gramsci”, in “Afinidades seletivas”, org: Emir Sader, Boitempo Editorial, São Paulo, 2002)

No texto, Gramsci afirma que na guerra de posição, estratégia adequada à forma de organização da hegemonia nas sociedades ocidentais, o Estado constitui apenas a “trincheira avançada” da sociedade civil, que pode resistir à sua destruição. “A sociedade civil se torna o núcleo central o a casamata da qual o Estado é apenas uma superfície externa e dispensável”, segundo interpreta Anderson.

18.- Ao longo dos Cadernos do Cárcere, o conceito de hegemonia aparece com uma série distinta de acepções. A primeira se refere à aliança de classe do proletariado com outros setores explorados da sociedade, especialmente o campesinato, na luta anti-capitalista. A hegemonia supõe, nesse caso, levar em conta os interesses e tendências dos outros setores sobre os quais se pretende exercer a hegemonia, estabelecendo-se assim um certo compromisso de equilíbrio, o que significa que o grupo dirigente deve fazer sacrifícios de natureza econômico-corporativa.

Mas Gramsci utiliza também o conceito de hegemonia num outro sentido, no das formas de dominação burguesa sobre a classe operária em uma sociedade capitalista desenvolvida, centrada nas categorias de força e consentimento, de dominação e de hegemonia, de violência e de civilização. Nesse sentido, sempre conforme a interpretação de Anderson, as polarizações desta formulação de Gramsci podem ser formalizadas no seguinte esquema:

Força	Consentimento
Dominação	Hegemonia
Violência	Civilização

A diferença entre as duas formulações, segundo Anderson é que na primeira Gramsci opõe a hegemonia à sociedade política ou ao Estado, enquanto que na segunda o próprio Estado torna-se um aparelho de hegemonia.

Existe uma terceira versão do conceito de hegemonia em Gramsci, em que a distinção entre sociedade civil e sociedade política desaparece, fazendo com que tanto a coerção quanto o consentimento tornem-se extensões do Estado. Para Gramsci, o Estado é ditadura + hegemonia.

19.- Existiriam assim três versões distintas do conceito de hegemonia em Gramsci, correspondendo cada uma a um problema fundamental para a análise marxista do Estado burguês. A primeira e mais importante versão no desenvolvimento da sua obra é aquela que

trata da diferença entre Oriente e Ocidente e reafirma que no Leste “o Estado é tudo”, enquanto que no Ocidente o Estado era a “trincheira exterior” da fortaleza da sociedade civil, que poderia sobreviver a grandes solavancos do Estado, pela sua estrutura própria, ao contrário do seu caráter “gelatinoso” no Leste. A estratégia correspondente ao Leste seria então a “guerra de movimento”, enquanto o Ocidente demandaria uma “guerra de posição”. Nesta versão o Estado é o lugar de dominação armada ou de coerção da burguesia sobre as classes exploradas, sendo a sociedade civil o espaço de direção cultural ou de hegemonia consensual sobre ela.

Assim, se poderia compor um duplo conjunto de oposições para distinguir o Oriente do Ocidente:

Leste	Ocidente
Estado	Sociedade civil
Sociedade civil	Estado
Coerção	Consentimento
Dominação	Hegemonia
Movimento	Posição

Nesses termos, a predominância da sociedade civil sobre o Estado no Ocidente pode ser compreendida como o equivalente à predominância da “hegemonia” sobre a coerção, como a forma fundamental do poder burguês nos países capitalistas desenvolvidos. A hegemonia residiria na sociedade civil e a esta prevalece sobre o Estado, sendo a ascendência cultural da classe dominante que garantiria no essencial a estabilidade da ordem capitalista. Para Gramsci, assim, hegemonia significaria aqui subordinação ideológica da classe trabalhadora à burguesia, o que permite a esta exercer sua dominação baseado no consentimento. O controle capitalista dos meios de comunicação seria o motor essencial dessa hegemonia, que consolida a difusão do fetichismo da mercadoria pelo mercado e pelos hábitos de submissão inculcados pelas rotinas de trabalho e suas respectivas hierarquias. O sistema seria mantido basicamente pelo consenso e não pela coerção.

20.- Uma segunda versão de Gramsci para o conceito de hegemonia não atribui à sociedade civil a preponderância sobre o Estado ou uma localização da hegemonia na sociedade civil. Ao contrário, a sociedade civil aparece como contrapeso do Estado ou em equilíbrio com ele e a hegemonia é distribuída entre o Estado – também chamado de

“sociedade política” – e a sociedade civil, esta sendo redefinida como combinação entre coerção e consentimento. A hegemonia, que antes era localizada apenas no seio da sociedade civil, passa a ser exercida pelo Estado.

21.- A terceira versão de Gramsci sobre os temas com o Estado incluindo a “sociedade política” e a “sociedade civil”, com uma radicalização da fusão das categorias, que apenas era indicada na versão anterior. Essa fusão entre o Estado e a sociedade civil faz com que o Estado deva ser entendido não apenas como um aparato governamental, mas também como aparato “privado” de hegemonia.

22.- A menção a essas oscilações serve para demonstrar como a inovação conceitual de Gramsci introduz também contradições e requer precisões maiores. Anderson menciona como para Gramsci existe uma assimetria entre Estado e sociedade civil no Ocidente, com a coerção localizada num deles e consentimento em ambos. Mas de qualquer forma fica colocada a questão a respeito da relação entre ambos, entre consentimento e coerção. A democracia se caracterizaria pelo primado do consentimento. Mas para Gramsci todo poder articula consentimento e coerção, sem que seja possível separar, nas sociedades capitalistas – mesmo as avançadas – um elemento do outro.

Toda ditadura tem formas de legitimação em graus de consenso e todo regime democrático reserva e utiliza suas formas coercitivas. O próprio Gramsci, quando faz referência às formas de luta, diz que toda forma de luta política tem um substrato militar.

23.- Que elementos podem ser resgatados da obra teórica de Gramsci e, em particular do seu conceito de hegemonia, para a formulação de uma teoria democrática de construção de uma hegemonia alternativa?

a) Em primeiro lugar, ela fornece os elementos para uma compreensão mais rigorosa e precisa das características da hegemonia capitalista no mundo de hoje, tanto nas sociedades do centro do capitalismo, quanto nas suas sociedades periféricas. Permite compreender, por exemplo, que o fator decisivo na hegemonia norte-americana hoje no mundo, não reside na sua força militar, tecnológica ou econômica, mas a sua tradução no plano ideológico.

O “american way of life” é o elemento decisivo da hegemonia norte-americana, o que permite que o estilo de vida, de consumo, as expectativas, os valores, os critérios estéticos. Para tanto conta não somente com um tipo de sociedade mercantil, a mais

desenvolvida no mundo, mas também com aparatos de produção – dos quais Hollywood é o exemplo mais conhecido – e de divulgação – incluindo as redes nos grandes meios de difusão -, que favorecem sua extensão a grande parte do mundo. A ausência de outros modos de vida que possam competir com a o norte-americano – os europeus são igualmente infiltrados pela influência norte-americana, que chega, pela primeira vez, até a China.

b) Porém, permite também, na forma de passagem da ênfase no livre comércio dos anos 90 para a “luta contra o terrorismo”, nos darmos conta da combinação e/ou da variação entre os elementos de força e de consentimento. Como as fronteiras entre uma e outra não são precisas, mas em que cada um dos aspectos predomina claramente em modelos hegemônicos diferenciados.

c) A teoria da hegemonia em Gramsci permite igualmente compreender nas alianças de classe o papel de cada uma das classes e suas características e relações mútuas.

¿Cuál es la actualidad del concepto de hegemonía? ¿De qué forma puede servirnos para comprender el mundo del siglo XXI?

Vivimos en un mundo unipolar. Por lo tanto, las relaciones de poder son distintas de aquellas de gran parte del siglo anterior. Sin embargo, se puede decir que el concepto de hegemonía nos sirve para entender no solamente como se impone el poder imperial hoy, sino también para entender como el bloque capitalista, dirigido por EUA logró triunfar en la llamada “guerra fría”.

La derrota del entonces llamado “campo socialista” la desaparición de la URSS puede ser explicada de distintas maneras: derrota en la competencia económica con el campo capitalista, al no lograr, en un sistema centralmente planificado, adquirir dinamismo tecnológico comparable al de las potencias capitalistas. Se puede igualmente explicarla por la incapacidad política de mantener la unidad interna de las varias nacionalidades de que se componía la ex-URSS. Igualmente se puede tratar de comprender un fenómeno de esa magnitud por la cristalización de una casta burocrática privilegiada que, además de expropiar de la masa de la población el derecho a decidir los destinos del país, gozaba de enormes privilegios.

Sin embargo, el factor fundamental que llevó a que triunfara el campo capitalista en contra del campo socialista es de carácter ideológico, es decir, tiene que ser buscado en la capacidad de imponer su visión del mundo por parte de las potencias occidentales. Su triunfo fué sobretodo el triunfo de una forma de vida, de los valores que orientam el llamado “american way of life”. Triunfó una interpretación del mundo y de la historia, la que defendía que la polarización central se daba entre la “democracia” – en su sentido liberal – y lo que esa concepción llama de “totalitarismo” – englobando al nazismo y al comunismo.

Esta no es solamente una concepción política – en que el liberalismo se apropia de la concepción de “democracia” y le impone su sentido -, sino también una interpretación que asimila democracia liberal con la libertad del mercado– núcleo de versión estadounidense de un sistema político y de una sociedad “libre”.

A partir de ese razonamiento, se puede comprender la naturaleza del poderío estadounidense en el mundo actual. No es la fuerza militar, ni política, ni económica o tecnológica, lo que explica la capacidad estadounidense de imponer sus intereses. Es una combinación de todos esos elementos, en particular de la fuerza militar y la predominancia de sus valores ideológicos.

Esa combinación reproduce, en una forma particular, los dos elementos que componen el concepto de hegemonía, como articulación entre fuerza y consenso, poder material y espiritual. Con la desaparición del campo socialista, la forma de sociabilidad mercantil propuesta y difundida por los EUA no encuentra competidores a nivel global. No lo encuentra en los países islámicos y tampoco en la China – que, al contrario, se deja influenciar por los valores estadounidenses. Las alternativas se dan todavía a nivel local – como las formas de vida propuestas por los movimientos campesinos latinoamericanos, entre otros.

La disputa fundamental en el siglo XXI se da, por lo tanto, como una disputa ideológica, como crisis de hegemonía. Una forma de vida en crisis, que no encuentra otra forma que se le anteponga a nivel mundial. Las grandes zonas que no están bajo hegemonía directa de los EUA – como los países árabes, China o Rusia – no disputan la hegemonía con la estadounidense.

El Fórum Social Mundial se propone trabajar para la construcción de “otro mundo posible”, lo cual significa pelear por la constitución de fuerzas y valores que puedan representar una hegemonía alternativa. Una hegemonía anti-mercantil, en que lo esencial no está en venta, en que las cosas no se definan por su precio, en que el poder del dinero, de las armas no se imponga a la voluntad de los hombres, a sus valores de solidaridad, en suma la hegemonía de los valores del humanismo.